

A CABEÇA ANDANTE

Manoel Jaime Xavier Filho

Acadêmico Titular da APMED – Cadeira nº 26

No passado, o cemitério ficava afastado do centro, e por um caminho de terra chegava-se até ele. O entorno poderia ser mais arborizado para minorar a inclemência do rei Sol, um descuido da administração municipal, em comunhão com a omissão da população. A rigor, descaso e falta de consciência ecológica.

A cidade cresceu, e hoje, o campo santo está inserido no perímetro urbano, batizando o surgimento do Bairro das Cruzes, habitado por gente simples. Nas cercanias, há uma capela consagrada a São Lázaro, a oficina de um ferreiro, bodegas, uma padaria, uma farmácia, um açougue e o casario, composto de pequenas habitações de duas águas, conjugadas e sem jardins, a porta da frente e janela dando diretamente para a calçada estreita, esta, tendo não mais do que um metro de largura.

Outros estabelecimentos comerciais modestos, entre os quais o Bar de Ananias, compunham também o acanhado cenário urbanístico daquela parte da cidade. Em uma casa quase em frente ao cemitério, alugada a seu Mamed, servira, por algum tempo, como uma funerária popular. Com o falecimento do proprietário, há quase dois anos, o imóvel não mais foi ocupado e permanece semiabandonado até o momento, o mato tomando conta. Seu Mamed era um forasteiro, solteirão e esquívoso, vindo não se sabia de onde, mas de conduta ilibada. Morreu enquanto dormia.

Firmino, que vivia de fazer biscate, era frequentador assíduo do bar, na companhia dos amigos Fenelon e Raimundo. Na manhã de uma sexta-feira, lá estavam os três reunidos no Bar de Ananias. Firmino, habitualmente bonachão e contador de piadas, trazia no rosto sinais de preocupação, sorumbático, o olhar distante, sem foco e na testa um franzimento maior. Fenelon foi o primeiro a quebrar o silêncio: - Firmino, você não está bem, o que é que houve? Novas encrencas com dona Chiquinha? - Antes tivesse sido isso, mas infelizmente a história é outra. E continuou: - Ontem choveu o dia todo, ao final da tarde fui chamado por seu Moisés para consertar a descarga do sanitário da casa dele. Saí de lá por volta das vinte horas, serviram-me inclusive uma sopa. A noite estava escura, úmida, com nuvens no céu e um chuvisco fino, indo

e vindo. Encontrava-me distraído, a rua sem gente, aqui e ali uivos de um cachorro agourando alguma coisa. Antes de chegar à casa em que existia o estabelecimento de seu Mamed, vi uma cabeça como que feita de brasa bem acesa, sem o corpo, saindo rapidamente da antiga funerária. Atravessou a rua, escalou o muro do cemitério e sumiu. Fiquei paralisado, as pernas não me obedeciam, comecei a tremer. Esfreguei os olhos para me certificar do que estava acontecendo, a cabeça não reapareceu. Aos poucos fui capaz de retomar os passos e apressei-me para chegar em casa, o coração querendo sair pela boca. Como desejei que o bar estivesse aberto... Passei a noite em claro, rebolando na cama, a cena não me sai do pensamento, vejam como estou arrepiado. Não sei como explicar.

Fenelon ponderou: - talvez você tenha se excedido pela manhã... - Ah! não, reagiu Firmino, ontem não bebi, inclusive trabalhei à tarde, como já disse. Raimundo, até então ouvinte. decidiu dar sua opinião: - Para mim, isso é coisa de alma penada, é só rezar por ela e tudo se resolve. A intervenção de Raimundo só fez piorar a situação, trazendo a Firmino mais insegurança e apavoramento. – Alma penada? e por que me escolheu? O que tenho eu a ver com isso, entre tenso e irritado?

Com habilidade, Fenelon foi desfazendo o clima, solicitou mais três cachaças enquanto reconduzia a conversa para temas mais amenos. A bebida foi acompanhada de três azeitonas. - O tira gosto hoje é por conta da casa, disse Ananias, com a intenção de oferecer panos quentes ao sofrimento de Firmino. De alguma maneira, a calma se restabeleceu.

Como esperado, a conversa vazou e passou a ser o assunto dominante na cidade, gerando medo e incertezas. Frente ao pânico incipiente sentido por algumas paroquianas, o padre teve que se posicionar e, no sermão da missa dominical, amenizou o ocorrido, atribuindo-o a algum fenômeno meramente mental ligado à sugestionabilidade, explicado pela medicina. Um médico que assistia à missa, não se pronunciou. O pároco foi mais além, chegou a sugerir, inclusive, a possibilidade de ser uma alucinação ou algo semelhante. Por algum tempo, a paz voltou a reinar entre os habitantes do lugar.

Por precaução, Firmino passou a evitar a área, principalmente à noite. Firmino, e outras pessoas. Por que não dizer?

Quando tudo parecia enterrado, Osmânio, professor de literatura, enquanto dava uma entrevista na emissora local abordando a importância da leitura, desde cedo, foi instigado pelo jornalista a emitir uma opinião sobre a cabeça em brasa caminhando na direção ao cemitério.

Ao contrário do sacerdote, sua resposta foi essencialmente ambígua. Disse: - Assim que tomei conhecimento do ocorrido, veio-me à lembrança um dos contos de *Nikolai Gogol* intitulado *O Nariz*. Nele, um nariz, o personagem principal, pertencente ao *major Kovaliov*, percorre as ruas e logradouros de São Petersburgo, vestido a caráter, para espanto do barbeiro *Ivan Iákovlevitch*, o primeiro a identificar o nariz, enquanto comia um pão, durante o café da manhã.

A repercussão das palavras do professor de literatura provocou nova inquietação na cidade. O assunto que parecia sepultado, ressuscitou. Então havia alguma coisa de provável no relato de Firmino? Foi o que muitos perguntavam. Para agravar a situação, Lucinha, uma adolescente recatada e residente no bairro, afirmou ter visto também a cabeça, desta vez, entrando no cemitério pelo portão da frente, embora fechado, por entre o gradil de ferro, e não escalando o muro como presenciado por Firmino.

Em todos os ambientes era o assunto dominante com versões as mais variadas. No mercado, a pedido de alguém, Zuza, o coveiro, deu sua opinião que nada acrescentou. Afirmou: - Nesse meu ofício já vi muita coisa, de maneira que essa cabeça encarnada de Firmino não me diz coisa alguma.

Por sua vez, o padre retomou o tema em sua homilia. Inicialmente, considerou infeliz a fala do professor, para a seguir, ratificar, categoricamente, que se tratava de um fenômeno inteiramente ligado à esfera mental dos dois videntes, embora por motivos distintos, nada do outro mundo, assegurou com convicção. - Tranquilizem-se, ordenou. Deixou o púlpito, aspergiu água benta sobre os fiéis e voltou ao ofício religioso.

Muito tempo já se passou, e a cabeça incandescente não mais reapareceu, assim mesmo, a dúvida e os receios a ela associados, não abandonaram de todo, o inconsciente coletivo de uma parte ponderável dos que ali moram.

Recentemente, picharam, na fachada da antiga funerária, duas cabeças de cor vermelha e sob as quais três riscos ondulados sugerindo movimento. Outra vez a população se viu envolvida com o implicante tema.

Passados alguns anos, o padre continuava no exercício do ministério, agora mais idoso e menos veemente. Para matar a curiosidade, foi ver *in loco* a pichação, e o fez, na hora crepuscular, do interior do seu carro em marcha lenta, quase parando.

Não se sabe como Firmino reagiria frente a tudo isso. Já é falecido, vitimado por quadro de pancreatite crônica e suas complicações.



Referências

GÓGOL, Nikolai. *O capote e outras histórias*. São Paulo: Editora 34, 2015 (3ª edição).